



Apresentação

O terceiro número do v. 28 da *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* apresenta o dossiê “Re-imaginando Itália(s) na literatura brasileira: culturas em diálogo”, que revela, nas suas abordagens críticas (estudos da tradução, estudos teatrais, estudos culturais, históricos e sociológicos da emigração, estética e crítica literária), uma articulada proposta interdisciplinar na esteira da tradição de estudos comparados entre o Brasil e o país europeu. A proposta do dossiê era a publicação de artigos sobre possíveis diálogos críticos e literários da literatura brasileira com críticos, autores, obras e “personagens” da literatura italiana, assim como análises da recepção da literatura italiana no Brasil. Outros sete artigos enriquecem com suas contribuições este volume, reunidos na seção “Vária”, seguidos por quatro resenhas.

O texto que abre este volume, “‘Pontos de vista de uma mulher’: Giacomo Leopardi ‘traduzido’ por Bruna Becherucci n’ *O Estado de São Paulo*”, escrito por Ingrid Bignardi e Andréia Guerini, é um exemplo das duas abordagens por nós propostas, já que pertence, sem dúvidas, à categoria dos estudos sobre recepção de autores italianos no Brasil, ao apresentar a colunista de *O Estado de São Paulo*, Bruna Becherucci (escritora, ensaísta e tradutora) e suas leituras críticas e análises comparadas da obra de Leopardi, definidas por Guerini e Bignardi como exemplos de “traduções culturais”. O conjunto de escritos sobre Leopardi na coluna intitulada “Pontos de vista de uma mulher”, do caderno *Página Feminina*, data de 1949 a 1967, e os textos foram catalogados pelas autoras a partir de quatro tipologias de ensaio: filosófico, poético, biográfico e comparado.

O segundo artigo do dossiê, de autoria de Alessandra Vannucci, intitula-se “A pátria no palco: mobilização política e construção de uma identidade nacional nos clubes recreativos italianos em São Paulo (1870-1920)” e nos transporta desde a época das primeiras grandes migrações da Itália para o Brasil, quando muito dessa mão de obra era destinada para o interior do país, até o período em que os que fugiram do trabalho

nas plantações se mudaram para a cidade de São Paulo. Vannucci, no seu ensaio, enfoca o papel da arte e especialmente do teatro na emancipação política desses imigrantes italianos, juntamente à criação de jornais e sindicatos.

Após uma necessária contextualização histórica e política da Itália do *Risorgimento* e do Brasil do século XIX, o texto introduz a relevância dos jornais impressos nas comunidades de imigrantes italianos, por sua função de “militar pela civilização”, ou seja, pelas “ideias libertárias” trazidas pelos exilados políticos que lutaram pela unificação da Itália e por sua libertação do domínio de países estrangeiros. Na descrição dos bairros característicos da imigração italiana em São Paulo, o artigo ressalta dois elementos que ultrapassavam as divisões criadas pela proveniência dos imigrantes, vindos de diferentes regiões da península, com seus costumes e dialetos: a religião católica e o teatro. Nas casas, nas sedes de clubes e sociedades, como as Sociedades de Ajuda Mútua, realizavam-se festas, espetáculos, atividades filantrópicas, nasciam clubes esportivos e assim por diante. Ao mesmo tempo, os ainda poucos teatros paulistas – se comparados com os de Buenos Aires e Rio de Janeiro – ferviam de espetáculos realizados por companhias teatrais da Itália, com cantores e cantoras, atrizes e atores que chegavam à América do Sul durante suas *tournées* “mundiais”.

De teatro fala também o terceiro artigo, mais exatamente da peça *Partido*, do Grupo Galpão, adaptação do romance *O visconde partido ao meio*, de Italo Calvino. Escrito por Bruna Fontes Ferraz e Claudia Cristina Maia, “*Partido*: a página virada de Italo Calvino” analisa a tradução que foi realizada não de uma língua para outra, mas do gênero romance ao gênero teatro. As reflexões sobre tradução de Benjamin, Ricoeur e Haroldo de Campos guiaram a análise, que levou as autoras à individuação de uma poética da “produção da diferença”.

A primeira parte do texto é dedicada a descrever a recepção do romance de Calvino, na Itália e no exterior. A difusão dessa obra no Brasil contou, como ressaltam as autoras, também com a tradução para o palco realizada pelo Grupo Galvão, com mais de 100 apresentações da sua montagem lançada em 1999, com a direção de Cacá Carvalho. A resenha crítica da peça, a partir de publicações realizadas na época de sua realização, conclui esta seção do artigo. “Uma nova poética do sujeito partido e sua tradução teatral” é o título da seção seguinte, dedicada à comparação entre o romance de Calvino e a realização cênica.

A análise leva as autoras a afirmar que “outras cargas de sentido ao texto literário” foram conferidas a partir das escolhas tradutórias realizadas pela companhia. Essas reflexões dialogam com o pensamento sobre tradução dos teóricos citados acima, e mostram que o processo criativo que transforma textos traduzidos com a utilização de novas linguagens (como as linguagens teatrais) não pode (e não deve?) ser banalmente considerado, sempre, como “traição”.

Carlos Versiani dos Anjos é o autor do texto que fecha este dossiê, intitulado “*A Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina: diálogos literários entre a Itália e o Brasil na segunda metade do século XVIII*”. Após uma imersão na história da Arcádia Romana e de seus fundadores (especialmente Gravina e Crescimbeni), Versiani ilustra o arcadismo através da crítica do século XVIII, chegando a falar daquele que foi considerado um dos principais poetas da Accademia dell’Arcadia, conhecido pelo pseudônimo Pietro Metastasio. Teria sido especialmente a obra desse poeta e operista que se tornou “um dos principais modelos de literatura dramática para o arcadismo luso-brasileiro”. A segunda parte do artigo é dedicada a Joaquim Inácio de Seixas Brandão, diplomado pela Arcádia Romana “per la fondazione della Colonia Oltremarina”. Mais um Arcade Ultramarino que ganha destaque neste trabalho é Glauceste Satúrnio, pseudônimo de Cláudio Manuel da Costa, assim como “as sessões acadêmicas de fundação da Arcádia Ultramarina”, tema desenvolvido na quarta seção do texto. O que ocupa quase integralmente as últimas páginas deste estudo sobre a Arcádia Romana e a Ultramarina (ou brasileira), é o diálogo do autor do artigo com os críticos que se ocuparam dos poetas árcades no Brasil e na Itália, especialmente os mais recentes, respondendo aos questionamentos gerados pelas opostas opiniões a respeito da efetiva existência, ou não, da versão brasileira da Arcádia Romana: a Arcádia Ultramarina.

Boas leituras!

Anna Palma (UFMG)

Silvia La Regina (UFSP)

Vincenzo Russo (Università degli Studi di Milano – UniMI)

